

Um olhar sobre o carnaval em desterro na segunda metade do século XIX a partir da atuação das sociedades carnavalescas

A look at the carnival in desterro in the second half of the nineteenth century from the actions of the carnival societies

por *Otildes Costa Furtado Pamplona*
Marcos Tadeu Holler

RESUMO

A cidade de Desterro, atual Florianópolis, manteve a tradição de comemorar o carnaval com folguedos populares, eventos realizados por clubes e, notadamente, através das sociedades carnavalescas. Tais entidades, criadas no final da década de 1850, tornaram-se os pilares do carnaval desterrense promovendo diversas festividades divulgadas pela imprensa da época. Este artigo aborda o carnaval em Desterro a partir da atuação das sociedades carnavalescas na segunda metade do século XIX. Como resultado da pesquisa realizada no acervo de jornais e periódicos da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, tem como objetivo conhecer as manifestações mais características e identificar os elementos presentes em sua trajetória. Da leitura dos jornais pôde-se concluir que o carnaval desterrense constituía-se em uma expressiva manifestação cultural, um acontecimento de grande importância e significação para a comunidade.

Palavras-chave *História da Música em Santa Catarina, História da Música em Desterro, Sociedades Carnavalescas, Carnaval*

ABSTRACT

The city of Desterro, Florianópolis currently, maintained the tradition of celebrating carnival merrymaking with popular events held by clubs and, notably, through the carnival societies. These entities, created in the late 1850s, have become the pillars of the carnival in Desterro, promoting several celebrations reported by the press at the time. This article discusses the carnival in Desterro from the actions of the carnival societies in the second half of the nineteenth century. As a result of a research conducted in the collection of newspapers and journals of the Public Library of the State of Santa Catarina, it aims to know the most distinguished manifestations and identify the elements present in its path. Through the newspapers one might conclude that the carnival in Desterro constituted itself in a significant cultural event, a happening of great importance and significance to community.

Keywords *History of Music in Santa Catarina, History of Music in Desterro, Carnival Societies, Carnaval*

Introdução

O carnaval em Desterro, hoje Florianópolis, constituiu-se ao longo dos anos em uma das mais ricas expressões da cultura popular local. Presente em festividades realizadas nas ruas e nos clubes da cidade, suas manifestações podem ser constatadas nos jornais e periódicos publicados em diferentes épocas, cujas referências aos festejos carnavalescos ocorridos na capital catarinense atestam sua importância e significação para a sociedade desterreense, que os prestigiava e deles participava ativamente.

As sociedades carnavalescas, entidades formadas no final da década de 1850, a partir de então, tornaram-se as principais mantenedoras do carnaval da cidade promovendo desfiles, bailes e outras diversões, com o apoio e colaboração da comunidade e imprensa.

O presente trabalho enfoca o carnaval em Desterro a partir da atuação das sociedades carnavalescas durante a segunda metade do século XIX, período no qual surgiram e viveram seu apogeu. Seu objetivo é conhecer as manifestações mais características desse carnaval e identificar os principais elementos presentes em sua trajetória, do entrudo ao moderno carnaval brasileiro.

Faz parte de um projeto iniciado em 2007, cuja finalidade constitui-se no levantamento e registro de dados sobre a música no Estado de Santa Catarina nas primeiras décadas da República, sendo desenvolvido por bolsistas que realizam pesquisa documental em acervos catarinenses.

Este artigo é fruto da pesquisa feita no acervo de jornais e periódicos da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina durante o período compreendido entre janeiro e junho de 2010 quando foram consultados os jornais *A Regeneração*, *Correio da Tarde*, *Jornal do Commercio*, *Matraca*, *Mercurio*, *O Cacique*, *O Caixeiro*, *O Catharinense*, *O Conciliador*, *O Conservador*, *O Cruzeiro do Sul*, *O Despertador*, *O Mercantil* e *Republica*.

Juntamente com essa investigação procedeu-se um levantamento bibliográfico no qual, inicialmente, buscou-se conhecer as manifestações populares e mais especificamente o carnaval através das obras *História social da música popular brasileira* (1998) de José Ramos Tinhorão, e *Carnaval brasileiro: o vivido e o mito* (1992), de Maria Isaura P. de Queiroz.

No entendimento da imprensa como formadora e porta-voz de tendências e opiniões, recorreu-se às obras *Nas tramas entre o público e o privado: a imprensa em Desterro no século XIX* (1995), de Joana Maria Pedro, e *Os cronistas de momo: imprensa e carnaval na Primeira República* (2006), de Eduardo Granja Coutinho.

Para a compreensão da sociedade desterreense e sua contextualização na segunda metade do século XIX, focalizou-se a história de Santa Catarina e Desterro através das obras *Nossa Senhora do Desterro: memória* (1979) e *A música em Santa Catarina no século XIX* (1951), do historiador Oswaldo Cabral Rodrigues.

Um olhar sobre o carnaval em desterro na segunda metade do século XIX a partir da atuação das sociedades carnavalescas

Por fim, buscou-se a monografia de conclusão de curso *Entre diabos e arcanjos: cultura política e sociedades carnavalescas em Desterro* (1879-1891) (2008), de Edgar de Souza Rego, e a dissertação de mestrado *O carnaval em Desterro: século XIX* (1988), de Thaís Luzia Colaço.

Convém ressaltar que os dados aqui relacionados são resultados parciais de uma pesquisa ainda em andamento e se constituem na base para novas investigações e futuras discussões, quando o tema será aprofundado e apresentado em uma monografia de conclusão de curso.

A IMPRENSA

Nos jornais foram encontradas inúmeras notícias sobre as manifestações carnavalescas ocorridas em Desterro, com uma maior concentração entre 1879 e 1888. Porém, a primeira delas data de 1855.

Nos anúncios existem referências às sociedades *Carnaval Desterreense*, *Harmonia Carnavalesca*, *União Carnavalesca*, *Recreio Carnavalesco*, *Netos do Diabo*, *União Improvisada*, *Carnavalesca dos Artistas*, *Os Democratas*, *Beduínos Carnavalescos*, *Companheiros do Silêncio*, *Filhos do Purgatório*, *Diabo a Quatro*, *Bons Archanjos*, *Estrela do Oriente*, *Tenente do Diabo*, *União Artística*, *Ganchos do Oriente*, *Treme-Terra e Saca-Rolha*.

De sua leitura pôde-se depreender o significado do carnaval para a sociedade desterreense e constatou-se que a imprensa e as sociedades carnavalescas mantinham uma parceria profícua. Estas ocupavam as páginas dos periódicos com publicações sobre suas atividades e, em contrapartida, os jornais divulgavam seus eventos, proporcionando aos leitores informações sobre os acontecimentos carnavalescos.

A imprensa também impunha restrições a determinadas brincadeiras e se permitia o direito de censurar este ou aquele comportamento por julgá-lo impróprio ou extravagante, interferindo nos divertimentos do povo. Não raro, exigia a intervenção das autoridades para coibir os excessos do entrudo e manter a ordem na cidade.

Durante o século XIX, mais precisamente a partir de 1831, data de criação do primeiro periódico, *O Caharinense*, a instituição foi o único veículo de comunicação de massa em Desterro, o que lhe conferiu imensa importância.

Sua atuação na sociedade local contribuiu para a difusão de idéias, preservação de valores e observância de normas e preceitos instituídos pela mesma sociedade. A instituição agia na defesa de determinados interesses “[...] da população, do Estado, do Governo, da Igreja, dos Partidos Políticos, dos grupos de pressão e das personalidades mais destacadas da capital” (SILVEIRA, 1981, p. 48). Este vínculo a transformou, no decorrer de sua existência, em uma importante fonte de informações sobre o passado da cidade.

Entrudo e Carnaval

A origem do carnaval ainda permanece controversa, mas em um aspecto parece haver consenso entre pesquisadores e historiadores: sua antiguidade.

A origem da festa carnavalesca está coberta de mistérios e controvérsias. Alguns afirmam que ela teria surgido nos ritos agrários das primeiras sociedades de classes, outros preferem considerar que a primeira folia aconteceu no Antigo Egito ou na civilização greco-romana. O certo é que só existem referências ao termo “Carnaval” a partir do século XI quando a Igreja decide instituir o período da Quaresma (FERREIRA, 2004, p. 15).

Controvérsias a parte, desde que o carnaval aportou em terras brasileiras tornou-se entre as festas populares, a mais esperada e comemorada, difundindo-se por todo o território nacional e traduzindo-se nas mais variadas expressões.

ENTRUDO

A mais antiga manifestação carnavalesca praticada no Brasil é o entrudo, palavra originária do latim *introitus*, que significa introdução, os três dias que antecedem a quaresma. O entrudo foi trazido pelos colonizadores portugueses, é considerado o primeiro carnaval brasileiro e durante séculos foi a grande diversão nos três dias de folia, tanto nas residências particulares quanto nas ruas das cidades.

[...] o chamado jogo do Entrudo seria, durante muitos anos, a forma mais difundida de se brincar durante os dias de Carnaval em terras brasileiras. Seja em Porto Alegre, Florianópolis, Salvador, Fortaleza, Recife, São Paulo ou Rio de Janeiro, o costume de lançar águas, pós de todos os tipos, cinzas, líquidos imundos ou perfumes sobre quem passasse por perto tomava conta de boa parte da sociedade nos três dias dedicados às brincadeiras carnavalescas. (FERREIRA, 2004, p. 74).

Entretanto, essa brincadeira tinha um espírito agressivo e perturbava a ordem, “não havia música, nem dança, mas muita bebida e correrias, perseguições, sujeira e violência” (VALENÇA, 1996, p. 13).

Por conseguinte, o jogo do entrudo foi alvo de proibições por parte dos governantes desde o Brasil Colônia. A partir da década de 1830 essas proibições intensificaram-se e deflagrou-se uma campanha acirrada visando bani-lo das ruas em caráter definitivo.

A imprensa aderiu ao movimento contra o entrudo e nas principais cidades brasileiras os jornais passaram a exercer uma pressão constante e sistemática contra a brincadeira, ora denunciando-a, ora cobrando providências às autoridades competentes.

Um olhar sobre o carnaval em desterro na segunda metade do século XIX a partir da atuação das sociedades carnavalescas

Em Desterro, vários periódicos incorporaram o movimento e, entre eles, o adversário mais combativo foi o jornal *O Despertador*, que considerava-se o pioneiro na campanha contra a brincadeira e não perdia a oportunidade para desferir ferozes críticas, incitando a própria polícia a reagir contra as manifestações de rua.

A policia deve tomar a sério tão grave desacato, responsabilizar o seu autor ou autores, que arrogando-se atribuições autoritárias, e antepondo-se a policia, humilharam-na, infringiram a lei e afrontaram as sociedades, quebrando-lhes em plena rua as imunidades que têm (O DESPERTADOR, 22/02/1882).

As autoridades catarinenses, por sua vez, criavam legislações que coíbiam e puniam severamente todos aqueles que participassem das manifestações. A Câmara Municipal de Desterro publicou, em 26 de julho de 1832, um ofício decretando a proibição do entrudo e especificando as penalidades aos infratores,

Fica proibido o jogo do Entrudo dentro do município, qualquer pessoa que publicamente o jogar, incorrerá na pena de 2\$000, a 8\$000 de condenação, e não tendo com que satisfazer sofrerá de dois a seis dias de prisão. Sendo escravo sofrerá seis dias de cadeia, caso o Sr. não mande castigar com 50 açoites, devendo uns e outros infratores serem conduzidos pelas rondas policiais à presença do juiz a vista das partes, e testemunhas que presenciam a infração (Ofício da Câmara Municipal para o Presidente da Província, postura da Câmara Municipal, 1832 apud COLAÇO, 1988, p. 152).

Posteriormente, em 29 de março de 1859, a brincadeira foi expressamente proibida pelos Ofícios da Câmara Municipal para o Presidente da Província (Ofícios da Câmara Municipal de Desterro apud COLAÇO, 1988, p. 152) e passou a ser um caso de polícia. Porém, sempre ocorriam manifestações do entrudo, como se pode observar no artigo do jornal *O Despertador*:

Entrudo. – já começa a manifestar-se este jogo brutal, prejudicial á saúde e que tanto depõe contra a civilização de um povo.

Vimos já, na mão de alguns rapazes, colossaes seringas de folha de Flandres, capazes de apagar um incendio.

Seria bom que o Sr. Dr. Chefe de policia fizesse apprehender taes instrumentos, que nos parece estão comprehendidos nos que as posturas municipaes prohibem (O DESPERTADOR, 02/01/1883).

Apesar das legislações que o proibiam, multavam e castigavam os infratores e de toda a campanha realizada pela imprensa, o jogo do entrudo nunca deixou de existir em Desterro.

Um olhar sobre o carnaval em desterro na segunda metade do século XIX a partir da atuação das sociedades carnavalescas

CARNAVAL

A transformação da festa carnavalesca foi sinalizada por um baile de máscaras à moda europeia realizado em 20 de janeiro de 1840 no Hotel Itália, Rio de Janeiro.

No dia seguinte, os jornais celebravam em suas crônicas a elegância, o refinamento da festa, digna de uma sociedade verdadeiramente civilizada! O sucesso foi tal que o baile se repetiu em fevereiro, nos Dias Gordos, inaugurando um folguedo que dura até os dias atuais (QUEIROZ, 1999, p. 51).

Posteriormente, o ano de 1855 trouxe uma inovação que mudou a configuração dos festejos do carnaval brasileiro. Aconteceu no Rio de Janeiro, sede do Governo Imperial, o primeiro desfile carnavalesco com os carros alegóricos do *Congresso das Sumidades Carnavalescas* do qual fazia parte José de Alencar, entre outros letrados. Esse desfile é considerado o início do carnaval moderno no Brasil, que, do Rio de Janeiro, espalhou-se pelas principais cidades brasileiras (FERREIRA, 2004).

O advento do carnaval europeu no Brasil deve-se à iniciativa do escritor José de Alencar com o intuito de substituir as violentas brincadeiras do entrudo por demonstrações mais delicadas como desfilar pelo Passeio Público usando máscaras e roupas luxuosas, distribuindo flores e confete ao som de uma banda de música (TINHORÃO, 1998).

No final do século XIX, o entrudo foi trocado, aos poucos, pelas festividades à moda de Veneza e Paris e os bailes, a música e o luxo das fantasias e carros alegóricos substituíram, ao longo dos carnavais, os limões de cheiro, as seringas de Flandres e outras brincadeiras perigosas.

Esses novos elementos foram incorporados pelas elites brasileiras e o processo de transformação do carnaval culminou com a criação das sociedades carnavalescas, cunhadas pelas mesmas elites, que foram buscar na Europa os subsídios que precisavam para compor seu próprio carnaval já que o Brasil não tinha um passado carnavalesco aos moldes europeus e as brincadeiras do entrudo eram consideradas incivilizadas.

Desterro não fez diferente, incorporou as novas manifestações e passou a usá-las, amenizando o jogo do entrudo sem, contudo, abolir definitivamente suas brincadeiras. Praticadas em uma escala menor, elas permaneceram nas casas e ruas da cidade e os jornais faziam questão de mencioná-las em suas edições.

[...] ha bem annos que não assistimos a um carnaval como o que acaba de passar.

O fatal limão de cheiro fo quasi supplantado: apenas nesta ou aquella rua via-se em pratica o estúpido divertimento, mas em tão pequena escala, que a bem poucos fez mal (O CONSERVADOR, 27/02/1879).

Um olhar sobre o carnaval em desterro na segunda metade do século XIX a partir da atuação das sociedades carnavalescas

Dentro desse contexto, as sociedades carnavalescas tiveram grande importância na metamorfose do carnaval e foram imprescindíveis na luta contra o entrudo. Em seu artigo o jornal *O Despertador* assim se expressou:

Tendo sido nós os primeiros que levantamos a voz na propaganda contra o brutal entrudo simbolizado na estúpida usança de atirar água, e a favor de alegre carnaval, não podemos deixar de agradecer a todas as sociedades e clubes que aceitarão a nossa idéia transformando-se em outras tantas sociedades carnavalescas (O DESPERTADOR, 21/02/1879).

Nos jornais também fica evidente a apropriação do novo carnaval pelos desterrados e sua intenção de apresentá-lo em grande estilo, colocando-o no mesmo patamar das principais cidades brasileiras.

Sociedades Carnavalescas

Os passos iniciais para a formação das sociedades carnavalescas aconteceram no Rio de Janeiro com o advento do carnaval moderno. A pioneira dessas entidades foi o *Congresso das Sumidades Carnavalescas* que desfilou pela primeira vez na referida cidade em 18 de fevereiro de 1855 (FERREIRA, 2004).

O desfile mostrou-se um sucesso absoluto e repercutiu pelo Brasil inteiro de tal forma, que no ano subsequente, o *Congresso das Sumidades Carnavalescas* convidou o compositor italiano Giuseppe Verdi para compor dois hinos que seriam cantados pelos foliões durante seu desfile. “Verdi chegou a enviar carta aceitando o convite, mas não se tem notícia dessas composições” (FERREIRA, 2004).

Nos carnavais seguintes as sociedades multiplicaram-se e, poucos anos após o primeiro desfile, dezenas delas animavam o carnaval carioca, enquanto eram copiadas por várias cidades brasileiras, inclusive Desterro, que adotaram as novidades surgidas no Rio de Janeiro.

Sociedades carnavalescas em Desterro

Em Desterro, as sociedades carnavalescas foram criadas no final da década de 1850, sendo as mais antigas a *Carnaval Desterrense*, *Harmonia Carnavalesca* e *União Carnavalesca*, todas formadas no ano de 1858.

Thaís Colaço estabeleceu em sua dissertação de mestrado uma cronologia da formação das sociedades carnavalescas desterrerenses durante a segunda metade do século XIX. Nela, indica a *Sociedade Carnaval Desterrense* como a primeira agremiação carnavalesca a ter referência em um jornal de Desterro, *O Argos*, de 1858 (COLAÇO, 1988).

Um olhar sobre o carnaval em desterro na segunda metade do século XIX a partir da atuação das sociedades carnavalescas

De acordo com o artigo publicado pelo jornal *O Cruzeiro do Sul*, a *Sociedade Carnaval Desterrense*

[...] deve ter sido fundada em 1858, não possuindo eu qualquer referência anterior a essa data, nem de outro clube que lhe fosse mais antigo. Era clube de gente grã-fina, dirigida por um médico, um deputado, oficiais de marinha e exército – e se vinha á rua era para ver se podia introduzir novos rumos aos folguedos populares, numa tentativa de impor seus gostos e não o de acompanhar a tradição. Seus bailes como de outras sociedades dansantes, reunia a alta roda e realizavãõ-se, em geral, no Quartel do Campo do Manejo. Em 1859, não podendo, não sei porque motivo, ali realiza-los, o Presidente da Provincia espontaneamente offereceu á directoria o próprio Palácio do Governo, tendo sido aceito o offerecimento e nêle realizados os bailes (O CRUZEIRO DO SUL, 03/03/1859).

O fato é que a partir de 1858 e durante as décadas seguintes as sociedades carnavalescas tornaram-se os pilares do carnaval desterrense realizando diversos eventos durante os festejos de momo.

Organizações bem estruturadas, essas entidades funcionavam a partir de uma diretoria, formada por associados ilustres, que desempenhavam as funções de diretor, vice-diretor, tesoureiro, secretário e procurador. Nas reuniões tratavam de assuntos relacionados, entre outros, com a admissão de novos associados, pagamento e cobrança de mensalidades, prestação de contas, eleição da diretoria, como no anúncio da *Sociedade Recreio Carnavalesco*:

De ordem do Director d'esta Sociedade são convidados os Srs. Socios a se reunirem hoje, em Assembléia Geral, as 4 horas da tarde, no Hotel da Rua do Principe n.º 6 não só para a eleição de um Vice-Director, como para tratar-se do Programma dos festejos que deverão haver (O MERCANTIL, 20/01/1861).

Sua atuação concentrava-se nos meses de janeiro, fevereiro e março quando organizavam os preparativos para o carnaval, confeccionavam os programas de divertimentos e regulamentos para normatizar os desfiles, os bailes e a conduta dos sócios durante os festejos. Esse conjunto de regras era divulgado nos jornais, com antecedência, de modo a preparar o espírito de seus membros, e comprovavam a organização e eficiência das agremiações.

Os programas de divertimentos continham o roteiro completo para os três dias de folia. Especificavam os horários e o itinerário dos desfiles, o ponto de Reunião, o figurino dos associados, a ordem de apresentação dos carros alegóricos e o que representavam. Também instruíam os sócios quanto ao recebimento das senhas reconhecidas pela polícia e dos distintivos, sem os quais não poderiam participar dos festejos. Aos mascarados que frequentavam os bailes havia a recomendação de que deveriam apresentar-se ao sócio reconhecedor para a identificação de suas pessoas.

Um olhar sobre o carnaval em desterro na segunda metade do século XIX a partir da atuação das sociedades carnavalescas

Os regulamentos continham restrições a comportamentos considerados inadequados, exigiam dos associados o respeito pelos demais foliões e determinavam as normas de como proceder nos eventos. Pode-se observar essa preocupação no Programa dos Festejos da *Sociedade União Carnavalesca*, “[...] só é permitido aos Srs. Socios executarem quasquer danças e cantorias que não offendam a moral publica, offertar Poesias, dôces, flôres, fructas ou qualquer outro objecto delicado e dirigir palavras honestas a quem lhe approuver” (O MERCANTIL, 05/02/1861).

As sociedades anualmente elegiam sua diretoria. Publicavam antecipadamente a convocação dos sócios e apresentavam a chapa concorrente. Finda a eleição, divulgavam seu resultado, empossavam a nova diretoria e a homenageavam realizando festividades para as quais conclamavam a presença de seus associados. O periódico *O Despertador* noticiou, após a eleição das diretorias de duas das mais importantes sociedades desterrenses,

Á tarde, as referidas sociedades fizeram uma passeiata pelas ruas da cidade, sendo a Diabo a Quatro precedida da banda de música da sociedade Guarany, e a Bons Archanjos da banda da sociedade Philarmonica Commercial, em cujo trajecto deram enthusiasticos vivas (O DESPERTADOR, 14/02/1883).

Uma característica que se depreende das referências impressas é a boa relação que as sociedades mantinham entre si durante os festejos carnavalescos, apesar de rivalizarem na sua organização e disputarem a preferência da população, responsável pela eleição da melhor agremiação a desfilar em cada carnaval. Neste aspecto, como em outros, contavam com o incentivo da imprensa.

No domingo, á tarde, a sociedade carnavalesca Bons Archanjos, depois de haver cumprimentado sua co-irmã Diabo a Quatro, percorreo diversas ruas da capital, precedida da discinta sociedade Philarmonica Commercial. Semelhante acto é uma prova de que as duas sociedades mantém as mais estreitas relações e amisade (A REGENERAÇÃO, 05/03/1882).

Esse clima de camaradagem era cultivado pelas diretorias, que ofereciam festas, bailes e saraus às suas co-irmãs, realizados num ambiente de cordialidade e respeito. Também é importante destacar o envolvimento dessas agremiações com outras atividades, que não apenas a realização dos festejos carnavalescos.

[...] as funções política, filantrópica, cultural também eram importantes: algumas participavam dos movimentos para a abolição da escravatura, outras se voltavam para a propaganda republicana; todas enviavam uma parcela dos lucros para instituições de caridade (QUEIROZ, 1999, p. 52).

Em Desterro, como em outras cidades brasileiras, verificou-se o engajamento dessas entidades em movimentos políticos e causas humanitárias. As sociedades *Bons Archanjos* e *Diabo a Quatro* abraçaram a campanha abolicionista e trabalharam efetivamente em prol da libertação dos escravos.

Um olhar sobre o carnaval em desterro na segunda metade do século XIX a partir da atuação das sociedades carnavalescas

A sociedade *Diabo a Quatro*, mais atuante, graças aos esforços de seus membros, angariava fundos para a compra de cartas de alforria distribuídas nas sessões solenes realizadas em repartições públicas municipais, e para as quais convidava autoridades, sociedades carnavalescas, corporações e toda a população desterrense, sem distinção de classe. Nas solenidades, oradores entusiastas do movimento proferiam discursos inflamados contra a escravidão.

O engajamento dessa sociedade pode ser constatado nos jornais desterrenses, que acompanhavam e divulgavam suas atividades abolicionistas. Um exemplo é o anúncio publicado com o título de “Festa Abolicionista”,

Sobem já a quarenta o número das cartas de liberdade, que serão entregues pela briosa sociedade Diabo a Quatro, na sua festa abolicionista, que terá lugar 5^a feira, 2 de fevereiro, no paço da Câmara Municipal desta Capital (A REGENERAÇÃO, 31/01/1888).

Ao mesmo tempo em que as sociedades desterrenses defendiam a causa abolicionista, não permitiam aos negros e escravos integrarem os quadros de associados. Eles eram excluídos de seus festejos e deles participavam apenas como meros expectadores, assistindo aos prêmios, segregados por uma sociedade branca que não lhes permitia nenhum tipo de integração racial e social. As sociedades carnavalescas levantavam a bandeira da libertação dos escravos, mas reiteravam e sustentavam o preconceito e a discriminação dominantes em Desterro.

DESFILES CARNAVALESCOS

Os desfiles eram o ponto alto do carnaval desterrense. Neles as sociedades superavam-se, ano após ano, na beleza, criatividade e luxo dos carros alegóricos, fantasias, iluminação e fogos de artifício. Esmeravam-se na música executada pelas bandas e nas críticas e sátiras que apresentavam. De acordo com a imprensa local, proporcionavam um espetáculo exuberante e ordeiro que não deixava a desejar se comparado aos carnavais de outras cidades brasileiras, inclusive a Capital do Império.

Esses desfiles costumavam obedecer a uma ordem de apresentação. À frente do cortejo seguia a banda de música devidamente fantasiada. Logo atrás se posicionavam um cavalheiro levando o estandarte da sociedade e o responsável pela fiscalização do prêmio. Mais atrás vinham os carros alegóricos. De acordo com o Programa de Divertimentos da *Sociedade Carnaval Desterrense*, o primeiro desses carros conduzia homens e mulheres mascarados “distribuidores das congratulações poéticas da Sociedade”. O carro seguinte distribuía flores naturais e o último deles, “grande de quatro rodas levando diversas figuras á phantasia”. O prêmio era encerrado por um policial a cavalo (O MERCANTIL, 29/02/1860).

Os jornais não economizavam os elogios e deliciavam os leitores com suas crônicas carnavalescas apresentando a descrição detalhada dos desfiles das sociedades. Não deixavam de publicá-las nem mesmo quando o carnaval decepcionava

Um olhar sobre o carnaval em desterro na segunda metade do século XIX a partir da atuação das sociedades carnavalescas

por falta de animação e público: “Os festejos carnavalescos estiverão frios. Apenas a sociedade *Beduinos* dêo dous bailes no Club 12, e alguns mascarados sem espirito percorreram as ruas da cidade” (O CONSERVADOR, 13/03/1878).

O carnaval era aberto pelo tradicional Zé Pereira, uma brincadeira praticada pelos foliões desterrenses, que em bandos mascarados desfilavam percorrendo as ruas da cidade, fazendo enorme barulho com seus instrumentos percutidos, acompanhados ou não pela música das bandas. Era uma manifestação alegre, espirituosa que, segundo Jairo Feliciano, deve-se a um português radicado no Rio de Janeiro:

José Nogueira de Azevedo Paredes, um sapateiro português, estava numa segunda-feira de carnaval, por volta de 1850, relembrando com alguns patrícios costumes da terrinha, como os desfiles de zabumbas nas festas de Braga e Viana do Castelo. De repente, talvez estimulado pelo vinho, Zé Nogueira propôs saírem todos pelo centro do Rio, onde tinha sua oficina na rua São José, tocando bombos e tambores. Então o desfile realizou-se com grande algazarra e muitos vivas a um tal Zé Pereira (que poderia ser o próprio Zé Nogueira), alcançando enorme sucesso e repetindo-se nos carnavais seguintes (FELICIANO, 2008, p. 24).

Tais desfiles faziam parte do calendário de eventos promovidos pelas sociedades desterrenses. Às vezes ocorriam semanas antes do carnaval, mas também podiam preceder os préstitos oficiais das agremiações. Era um acontecimento integrado aos folguedos carnavalescos.

O «Zé Pereira» já é «chapa» e as dignas sociedades, compostas de moços entusiastas do que é novo e bom, assim procedendo avivaram mais o entusiasmo que domina o publico. E elle affluindo em massa recompensou os primeiros esforços das distinctas sociedades (A REGENERAÇÃO, 26/02/1884).

À exceção dos bandos noturnos, que incomodavam o sono dos moradores, e daqueles mais barulhentos batendo em latas de querosene, o Zé Pereira de modo geral era apreciado pela população que se divertia com a animação dos foliões, a música das bandas e as críticas que eles apresentavam, já antevendo o que assistiriam nos três dias de carnaval. Os jornais colaboravam para aumentar ainda mais a expectativa geral publicando notas como, “Animadissimo Zé Pereira da *União Artística* começou desde a noite de 18, a aguçar a curiosidade publica, tão excitada já” (O DESPERTADOR, 26/02/1881).

No carnaval desterreense a presença dos chistes era indispensável aos préstitos das sociedades carnavalescas que não poupavam esforços para garantir o sucesso de seus carros de críticas junto à população e à imprensa, o que invariavelmente acontecia. Críticas a acontecimentos políticos, a fatos ocorridos na cidade e no Brasil e sátiras a personalidades locais e nacionais faziam a festa dos expectadores. O jornal *O Despertador* publicou em sua crônica carnavalesca:

Um olhar sobre o carnaval em desterro na segunda metade do século XIX a partir da atuação das sociedades carnavalescas

A critica aos partidos políticos foi muito bem imaginada. Dois homens já velhos seguravam cada um em sua columna, ambas já meio arruinadas, e questionavam sobre a verdade dos princípios conservadores e liberaes, etc.; no centro delles, e mais á frente, appareceria a republica pequenina, e agarrada á arvore da liberdade.

A extinção de Jaguaruna provocou a hilaridade geral (O DESPERTADOR, 10/02/1883).

Outro elemento de grande destaque nos préstitos eram os carros de mutação, verdadeiras obras de arte artesanais construídas pelas sociedades que, ao se transformarem durante os préstitos, provocavam admiração e entusiasmo nos expectadores. O jornal *A Regeneração* fez menção a eles em sua crônica sobre o carnaval de 1888,

A's 10 para as 11 da noite, esta sociedade realizou o seu «enterro dos ossos» apresentando lindos carros de mutação, dos quaes se salientava «O calix da amargura», esplendido trabalho de arte, que se abria em fórma de uma tulipa deixando apparecer uma columna na qual surgia a figura da Venus apoiado sobre uma linda concha reluzente, tendo a seu lado Cupido o Deus do amor (A REGENERAÇÃO, 17/02/1888).

Um dos últimos divertimentos programados pelas sociedades era o enterro simbólico do carnaval. O enterro dos ossos, assim chamado, realizava-se à noite, após as 19 horas, com o desfile dos foliões pela cidade conduzindo um esquife e promovendo queima de fogos de artifício. Após o desfile acontecia o último baile de carnaval.

BAILES CARNAVALESCOS

Ao lado dos desfiles, os bailes constituíam-se em uma das diversões mais concorridas antes, durante e depois do carnaval. Os clubes e sociedades carnavalescas promoviam, entre outros, bailes à fantasia e bailes de máscaras. O anúncio publicado no jornal *O Conservador* comprova essa prática:

O Club Euterpe 4 de Março aproveitando a proximidade dos três dias de loucura, deu no sabbado seu baile à phantasia, e teve a sociedade o prazer de ver seus salões regorgitarem de damas e cavalheiros, grande numero, ou quase todas aquellas phantasiadas (O CONSERVADOR, 08/02/1879).

As sociedades carnavalescas não possuíam salões para realizar os bailes. Por isso, recorriam a clubes da cidade, entre eles, o *Doze de Agosto*, *19 de Junho* e *4 de Março*, que disponibilizavam sua estrutura e sede social. Também ocupavam o *Theatro Santa Izabel* e o *Lycêo Provincial* e emprestavam residências particulares, como se pode observar no anúncio publicado pelo jornal *O Mercantil*,

A Directoria da Sociedade Carnavalesca dos Artistas, agradece a todas as pessoas que emprestarão objectos para o baile no dia 21 do corrente, com especialidade o Ilmo Snr. Major Alves de Brito que generosamente cedêo sua casa (O MERCANTIL, 06//02/1868).

Um olhar sobre o carnaval em desterro na segunda metade do século XIX a partir da atuação das sociedades carnavalescas

A imprensa noticiava fartamente os eventos e descrevia, nos mínimos detalhes, a decoração dos salões, os figurinos, a música executada, os comes e bebes e registrava a presença dos foliões mais ilustres.

O theatro Santa Izabel, ou antes Caverna Izabelina, como lhe chamam os filhos de Plutão, apresentava em seu recinto o aspecto de um palácio phantastico, deslumbrante, encantador!

Um estrado por cima da platéia formava desta e do palco um vasto salão, todo alcatifado de escarlata.

Cestões de flôres, estojos de variadas côres, caricaturas, galhardetes, lindíssimos lampeões chineses, transparentes, etc., tudo artisticamente disposto e inundado de ondas de luz, transformaram aquelle vasto recinto em um verdadeiro paraizo, para onde se entrava por uma estreita caverna pouco alumada e cheia de figuras sinistras. O effeito produzido por este contraste, era magnífico.

Todos os camarotes estavam apinhados de damas, e as cento e tantas cadeiras do grande salão eram occupadas todas por jovens e lindas senhoras, em sua maior parte trajando ricas phantasias. Os cavalheiros, entre os quaes muitos também phantasiados, só poderiam obter uma cadeira no salão superior, ou no vestibulo.

A orchestra, regida pelo Sr. José Brazílicio, despendia constantemente os mais harmoniosos sons, convidando todos à dansa, ao prazer.

O serviço foi abundante, e a amabilidade dos membros da directoria e das commissões, inexcedível.

Dançou-se até o clarear do dia, reinando sempre a melhor ordem e harmonia. Calculamos em mais de 700 pessoas as que concorreram a este baile (O DESPERTADOR, 01/03/1884).

Apenas os sócios participavam dos bailes, mediante o pagamento, durante o ano, das mensalidades fixadas pela diretoria. O atraso ou inadimplência das prestações mensais poderia acarretar a demissão do devedor.

MÚSICA DE CARNAVAL

O repertório tocado no carnaval compunha-se de habaneras, valsas, polcas, mazurcas, quadrilhas, schottischs e era executado pelas bandas de agremiações musicais desterrenses como *União Artística*, *Philharmonica Commercial*, *Trajano*, *Guarany*, *Amor à Arte*, já que as sociedades carnavalescas não dispunham de bandas nem orquestras que pudessem acompanhá-las nos préstitos e tocassem nos bailes.

Em vários jornais foi possível verificar-se referências à música executada nos festejos carnavalescos. Um exemplo é o jornal *O Despertador*, cuja crônica carnavalesca ressaltou em vários trechos a música tocada no desfile de uma das sociedades,

Na frente caminhava a música União Artística, trajando a figuras um bonito uniforme de phantasia [...] e a sociedade de música Guarany, que

Um olhar sobre o carnaval em desterro na segunda metade do século XIX a partir da atuação das sociedades carnavalescas

seguia logo após o carro de Plutão [...] lamo-nos esquecendo o carro do rei do Congo, com a música de sua corte, que chamou muito a atenção do público (O DESPERTADOR, 20/02/1883).

O mesmo jornal no ano seguinte, referindo-se aos desfiles de duas sociedades, comentou que a primeira delas era precedida pela “[...] banda de musica do batalhão 17 de infantaria, vestidos à fantasia”, enquanto que a segunda “[...] levava à sua frente a excelente banda de música da sociedade *Amor á Arte*” (O DESPERTADOR, 14/02/1884).

Outra notícia deu conta que a sociedade carnavalesca *Bons Archanjos*, em seu desfile, “[...] era puchada pela banda musical dos maestros Barbosa, Penedo e Miranda, completamente fantasiada” (A REGENERAÇÃO, 14/02/1888) e, três dias depois o mesmo periódico fazia referência à música tocada em um dos carros da sociedade *Diabo a Quatro* salientando que os músicos “[...] executavam uma surdina com flauta e rabeça tão harmoniosa que entusiasmava o coração do mais simples mortal” (A REGENERAÇÃO 17/02/1888).

Na época era comum a prática de se oferecer peças musicais às sociedades carnavalescas e os jornais divulgavam seus compositores, os gêneros, os títulos das peças e os homenageados.

Diabo a Quatro. - É este o título de uma polka que o Sr. Manoel Luiz Miranda, professor da banda de música da Sociedade - Lyra Artística Catharinense - compos e está ensaiando para o carnaval. (O DESPERTADOR, 26/02/ 1881).

“*Agonia do Deus Momo*” era o título da valsa escrita pelo desterreense João Francisco Izetti, “[...] dedicada a distinta sociedade carnavalesca *Bons Archanjos* para ser executada no enterro dos ossos da mesma sociedade pela banda musical *Philharmonica Commercial*” (A REGENERAÇÃO, 01//02/1883).

Uma crônica noticiou que as sociedades *Diabo a Quatro*, *Bons Archanjos* e *Companheiros do Silêncio* executaram, em seus desfiles, diversas peças musicais, “[...] sobressahindo entretanto três polkas compostas pelos srs. Barbosa e Penedo com os nomes das mesmas sociedades” (O CONSERVADOR, 27/02/1879).

Um “*Delicado Presente*” é o título do artigo do jornal *A Regeneração* anunciando a entrega de onze peças musicais à sociedade *Diabo a Quatro*, que as repassou à banda musical *União Artística* para serem instrumentadas e executadas no bando ou nos bailes da referida sociedade. O jornal relacionou o título, o gênero e o compositor de cada uma das peças:

- › *Princesa flor de Maio*, quadrilha, por Abdon Milanez
- › *O Molleiro d’Alcalá*, quadrilha, por Miguel A. de Vasconcellos
- › *O Gallo de Ouro (Serment d’Amour)*, por Dansart
- › *Baptista Machado*, polka, por Julio C. L. Reis

Um olhar sobre o carnaval em desterro na segunda metade do século XIX a partir da atuação das sociedades carnavalescas

- › *La Neige*, walsa, por O. Metra
- › *Amor Molhado (Opera de Varney)*, walsa, por Arthur Camillo
- › *Elizabeth*, schottischs, por A. Wallerstein
- › *Schottischs*, por J. Padeloup
- › *Bella Fluminense*, mazurka, por Abdon Milanez
- › *Princeza flor de Maio*, mazurka, por Abdon Milanez (A REGENERAÇÃO, 01//02/1883)

A existência de um repertório específico para o carnaval e a participação de compositores e bandas musicais nas festividades carnavalescas são manifestações da presença marcante da música no carnaval desterreense.

Considerações Finais

Neste artigo foram apresentadas informações sobre o carnaval em Desterro, na segunda metade do século XIX, resultantes da consulta realizada em jornais e periódicos publicados na cidade durante aquele período.

Através dessas informações constatou-se o prestígio da imprensa e sua influência na sociedade desterreense, atributos que a tornaram uma instituição poderosa e a consagraram como o principal veículo de disseminação de idéias e valores. No tocante ao carnaval, sua participação foi mais além, passou a fiscalizar os folguedos e até mesmo a interferir e recriminar os festejos da população, notadamente, o entrudo. Em contrapartida, por essas particularidades, pôde-se encontrar em suas publicações senão todas as respostas, ao menos as mais significativas para a pesquisa.

Também foi possível identificar a importância das sociedades carnavalescas no contexto sociopolítico local. Essas agremiações inauguraram o novo carnaval desterreense, contrapondo-o ao criticado jogo do entrudo, e o apresentaram de maneira criativa. Suas atividades durante os festejos carnavalescos proporcionaram os elementos que nortearam a elaboração deste trabalho. De outro modo, o envolvimento com movimentos sociais como a causa abolicionista, somaram novas funções às atividades festivas, ampliando seu campo de atuação e propiciando outras interpretações.

A imprensa e as sociedades formaram uma parceria que contribuiu decisivamente na implantação e estabelecimento das transformações da festa carnavalesca em Desterro. A partir da atuação das duas entidades pôde-se concluir que o carnaval desterreense da segunda metade do século XIX constituía-se em uma expressiva manifestação cultural, um acontecimento que se revestia de grande importância e significação para a comunidade. Esta lhe emprestava seu apoio e colaboração através dos compositores locais que escreviam peças musicais, das bandas de música que executavam as peças, dos maestros que regiam as bandas e orquestras, dos clubes que cediam suas instalações para a realização dos bailes e das pessoas que

Um olhar sobre o carnaval em desterro na segunda metade do século XIX a partir da atuação das sociedades carnavalescas

prestigiavam os eventos. Em contrapartida, o carnaval lhe oferecia um espetáculo à altura das principais capitais brasileiras.

Apesar da influência do carnaval à moda européia, o carnaval de Desterro guardava características que o fazia uma festa peculiar. As críticas e sátiras exibidas nos Zé Pereiras, bandos e desfiles, as mutações de seus carros alegóricos que durante décadas despertaram a admiração e o entusiasmo dos expectadores, entre outros elementos, compunham essa singularidade.

Por fim, a trajetória das sociedades carnavalescas proporcionou as informações para a realização deste trabalho, permitindo o contato com o passado carnavalesco da cidade e o reconhecimento de suas manifestações mais características, a compreensão dos elementos existentes nessas manifestações e a forma como se apresentavam na sociedade desterreense.

Um olhar sobre o carnaval em desterro na segunda metade do século XIX a partir da atuação das sociedades carnavalescas

REFERÊNCIAS

- › COLAÇO, Thaís Luzia. **O carnaval no Desterro**: século XIX. Dissertação (Mestrado em História) Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina, 1988. 219 p.
- › FERREIRA, Felipe. **O livro de ouro do Carnaval brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. 421p.
- › QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Carnaval brasileiro: o vivido e o mito**. São Paulo: Brasiliense, 1999. 237 p.
- › REGO, Edgar de Souza. **Entre diabos e arcanjos: cultura política e sociedades carnavalescas em Desterro (1879-1891)**. Monografia de Conclusão de Curso (Curso de História). Florianópolis: UDESC, 2008. 59 p.
- › SILVEIRA, Adélia dos Santos. **Catálogo analítico-descritivo dos jornais do Desterro: 1850-1894 o jornal como fonte histórica**. Dissertação (Mestrado em História) Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina, 1981. 685 p.
- › TINHORÃO, José Ramos. **História social da música popular brasileira**. São Paulo: 34, 1998. 368 p.
- › VALENÇA, Raquel. **Carnaval: pra tudo se acabar na quarta-feira**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Prefeitura, 1996. 100 p.

JORNAIS

- › Jornal A Regeneração (1882-1885 e 1888)
- › Jornal do Commercio (1879-1881 e 1886)
- › Jornal Correio da Tarde (1874 e 1884)
- › Jornal Matraca (1882, 1885, 1886)
- › Jornal Mercurio (1886)
- › Jornal O Cacique (1870 e 1871)
- › Jornal O Caixeiro (1882)
- › Jornal O Catharinense (1861)
- › Jornal O Conciliador (1873)
- › Jornal O Conservador (1877-1880)
- › Jornal O Cruzeiro do Sul (1859 e 1860)
- › Jornal O Despertador (1879-1885 e 1888)
- › Jornal O Mercantil (1860-1861, 1863, 1868)
- › Jornal Republica (1896 e 1898)

Otildes Costa Furtado Pamplona, acadêmica do Curso de Licenciatura em Música, CEART/UDESC, bolsista de iniciação científica PROBIC/UDESC

ottip@yahoo.com

Marcos Tadeu Holler, professor do Departamento de Música do CEART/UDESC

marcosholler@yahoo.com.br